

Crítica // 8 décadas de amor ★★

## Enlatado e estufado, o tempo pesa no romance assinado por Julio Medem

Ricardo Daehn

O destino como agente do incontornável está sistematicamente na obra do diretor espanhol Julio Medem, à frente de filmes como *Lucia e o sexo* (2001) e *Os amantes do Círculo Polar* (1998). Dono de dramalhões como *Ma ma* (2015) e de filmes que remexem no tempo, como *Caótica Ana* (2007), Medem parecia a pessoa ideal para investir em 8 décadas de amor, estrelado por Javier Rey e Ana Rujas, respectivamente, Octavio e Adela

na trama. Loreto Mauleón, na pele da melancólica e nervosa Claudia, e Carla Díaz, no papel da carismática Rosa, tomam parte do elenco que conta ainda com Álvaro Morte (*A casa de papel*), no papel do conservador Maurício.

Mortes por motivação políticas e impactos sociais, além da “paciência” e da “esperança” necessárias ao ato de uma boa pescaria (elemento vital na narrativa), sedimentam muito do drama do filme marcado por tom autoexplicativo e erotismo inexistente (um

Cena do filme 8 décadas de amor: as forças do destino



IMOVISION/ DIVULGAÇÃO

pecado, em se tratando de Medem). Segmentado, o longa, que conta com montagem de Julio Medem, é coerente com o espaçamento de tempo que abraça, mas acusa a falta de intimidade entre os pretensos apaixonados. A direção de fotografia de Rafael Reparaz opta pela facilidade de registros e recursos bastante óbvios. Impulsionado pela nascente

Segunda República espanhola, nos anos de 1930, o longa tem narrativa distendida até 2021.

A síntese de todo este tempo, além de excessivamente breve, incorre em simplificação extrema. O pretensioso retrato de um amor, encravado junto à Guerra Civil, traz cores fortes, situações exageradas — com apelos de violência e desespero —, mas carece de

direção. Coincidências e eternas separações do casal atravessam momentos caóticos de ações separatistas na Espanha. Sentimental ao cubo, o filme traz momentos de forte registro musical, boas (mas raras) tiradas cômicas e conflitos potentes (até mesmo no futebol, com disputa entre o Real Madri e o Barça). Mesmo assim, parece pouco.

Escritor, Julio Medem também coloca a literatura como elemento importante na fita que trata de redenção e investe em sentimentalidade assumidamente melodramática. Traços fatalistas e a promessa de um cinema com carga mágica, à la Jean-Pierre Jeunet, não se confirmam, apesar dos acenos. Promessas de reconciliação, embutidas na fita que prega a união dos espanhóis, soam positivas, mas o invólucro da produção vem demasiado frouxo.

## Corações enamorados

Um pouco mais ao sul do coração de Brasília, o Cine Brasília (EQS 106/107) aposta numa programação especial para o Dia dos Namorados, com filmes amplamente adorados pelo público. Às 10h é a vez do longa de Richard Linklater *Antes do amanhecer*, estrelado por Julie Delpy e Ethan Hawke

e, às 15h15, será a vez de *O amor não tira férias*, comédia popular à cada reprise. Às 18h, *Diário de uma paixão* reúne talentos de James Caan, Gena Rowlands e Ryan Gosling; e, na saideira, às 20h35, *Um lugar chamado Notting Hill* traz o brilho e a química única entre Julia Robert e Hugh Grant. (RD)



INTERNET / REPRODUÇÃO

Um lugar chamado Notting Hill

PRÉ-VENDA DISPONÍVEL

STUDIOS

SUPERGIRL

GARANTA JÁ SEU INGRESSO!

CINESYSTEM CAIXA

clube 50% DE DESCONTO\*

CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA